

## Uma genealogia das compulsões, entre a disciplina e o controle<sup>1</sup>

Leandro Siqueira\*

A partir da década de 1990, batizada de a “década do Cérebro”<sup>2</sup>, uma série de comportamentos, condutas ou hábitos considerados excessivos, descontrolados ou repetitivos ganharam maior atenção da psiquiatria, no momento em que esta procurava reelaborar seus saberes e práticas para atender às demandas colocadas pela crise das sociedades disciplinares e a emergência das sociedades de controle.

Chamados genericamente de compulsões, estes comportamentos do excesso ressaltaram a incidência de antigas “neuroses”, até então, consideradas raras e praticamente desconhecidas, consolidaram a prática psiquiátrica no tratamento de “vícios” e são responsáveis pela inclusão de “novos transtornos” nos manuais de classificação e diagnóstico psiquiátricos. Compostas por um grupo heterogêneo de transtornos, as compulsões assinalam o rumo dos saberes psi: flexibilizar as rígidas categorias diagnósticas, tão pertinentes às sociedades disciplinares, apostando na criação de dimensões ou fluxos de transtornos, que propiciam a inclusão ilimitada de outras populações, para além dos considerados “doentes mentais”, sob o seu governo.

As compulsões estão presentes em uma gama de transtornos mentais do DSM IV-TR (Quarta Edição Revista do *Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais*, da American Psychiatric Association), com destaque para o Transtorno Obsessivo-compulsivo (TOC), os Transtornos do Controle de Impulsos (TCI) e os Transtornos de Uso de Substâncias. Nos saberes psiquiátricos, as compulsões referem-se a transtornos relacionados à ação e à volição, ou seja, distúrbios em que a capacidade de agir e de desejar do indivíduo são comprometidas e que colocam em risco a saúde mental e a qualidade de vida dos portadores. No foco do interesse psiquiátrico se encontram questionamentos sobre o que é voluntário, racional ou passível de ser

---

\* Pesquisador do Nu-sol, mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP, bacharel em Comunicação Social (PUC-SP) e Ciências Sociais (USP).

controlado no comportamento do indivíduo, frente ao que há de automático, impulsivo ou descontrolado na ação e na vontade humanas.

Na literatura psiquiátrica e mesmo em revistas voltadas para o público geral, as compulsões são descritas na forma de “pequenas” alterações do comportamento, observadas em condutas menores, mais simples e comuns do cotidiano das sociedades ocidentais como limpar, comer, beber, verificar, fazer sexo, praticar exercícios físicos, comprar, conectar-se à Internet, etc. Na tabela abaixo constam algumas “versões patológicas” de atividades do cotidiano, que quando praticadas em excesso são denominadas de “compulsões da vida moderna”.

**Quadro 1.** Compulsões da Vida Moderna<sup>3</sup>

<b>Atividade</b>	<b>Denominações</b>
<b>Amor</b>	Dependência Afetiva, “Love Addiction”, Amor Patológico
<b>Celular</b>	Dependência do Celular, “Mobile Phone Dependence Syndrom”
<b>Compras</b>	Compras Compulsivas, “Impulsive Buying”, “Shopping Addiction”
<b>Comida</b>	Transtorno da Compulsão Alimentar Periódica, “Bing Eating”
<b>Exercícios</b>	Vigorexia, Transtorno Dismórfico Muscular, Síndrome de Adônis
<b>Internet</b>	Dependência de Internet, Compulsão por Internet
<b>Jogo</b>	Jogo Patológico, Dependência por Jogo
<b>Sexo</b>	Sexo compulsivo, Dependência Sexual, Impulso Sexual Excessivo
<b>Trabalho</b>	Compulsão por Trabalho, Dependência do Trabalho, “Workaholism”

Ao longo da década de 1990, observa-se o surgimento de duas gerações de saberes sobre as compulsões, reunidas em uma dimensão de transtornos, os Transtornos do Espectro Obsessivo-compulsivo, que tem grande probabilidade de se transformar em um novo grupo de transtornos na quinta edição do DSM.<sup>4</sup> Na primeira geração de saberes sobre as compulsões, desdobrada dos conhecimentos sobre o TOC, as compulsões são tidas como respostas comportamentais à ansiedade gerada por imagens ou pensamentos intrusivos e repetitivos (obsessões), que até mesmo para o portador podem parecer absurdos ou ridículos. É o caso, por exemplo, das pessoas que lavam as mãos inúmeras vezes ao dia, descontroladamente, por medo de se contaminarem com vírus e bactérias ou daquelas que não conseguem parar de verificar se portas e janelas

estão trancadas por temerem a possibilidade de alguém invadir sua casa. Tratam-se, portanto, de comportamentos individuais de aversão a riscos.

Em meados daquela mesma década, começaram a aparecer nas clínicas psiquiátricas uma população de indivíduos em busca de tratamento para compulsões que não eram exatamente iguais às descritas no TOC, principalmente por não serem condutas voltadas para se evitar riscos. Estes compulsivos relatavam sofrer psicologicamente devido à incapacidade de controlar suas condutas excessivas que os impeliam a executar ações para a satisfação de prazer, as quais com o passar do tempo criavam diversos problemas nos âmbitos pessoal, familiar, social e econômico. Assim, tornaram-se mais comuns os jogadores patológicos e compradores compulsivos, cujas dívidas acumuladas ameaçam a saúde de sua vida econômica, ou então de compulsivos sexuais, cuja busca desenfreada por sexo os colocava mais próximos de contraírem doenças sexualmente transmissíveis ou colaborava para o fracasso do casamento e de outras relações. Nesta segunda geração de compulsões os comportamentos repetitivos e excessivos prescindem da existência de obsessões, sendo relatados impulsos como fatores desencadeadores de tais condutas.

É também neste momento que se consolida uma compreensão das compulsões que procura descrevê-las como uma forma especial de dependência. Enquanto nas “dependências clássicas”, o indivíduo manifesta sintomas de “fissura”, tolerância e abstinência por substâncias como álcool ou drogas, as compulsões foram teorizadas como dependências não-químicas, isto é, como dependências a comportamentos e condutas que trazem gratificações na forma de prazer, por exemplo, quando o indivíduo faz exercícios em demasia, sexo, compras, aventura-se no jogo ou acessa a Internet.

Ora denominadas de compulsões, dependências ou impulsividades<sup>5</sup>, as nomenclaturas dadas ao longo das últimas décadas aos comportamentos do excesso mostram bem como os saberes sobre as compulsões foram elaborados por vezes seguindo o modelo do TOC (obsessões/compulsões), outras seguindo o modelo das dependências, ou então segundo um terceiro conjunto de transtornos, os Transtornos do Controle de Impulsos (TCI)<sup>6</sup>, cuja principal característica é o “fracasso em resistir a um impulso ou tentação de executar um ato perigoso para a própria pessoa ou para outros”.<sup>7</sup>

Longe das discussões psiquiátricas sobre a mais correta maneira de se classificar as compulsões, este trabalho propõe-se a pensar as compulsões como um campo impreciso e esfumado em que é quase impossível se diferenciar se são sentimentos de obrigação, impulsos ou dependências que levam os indivíduos a repetirem de forma excessiva e descontrolada certos comportamentos, sejam eles com o objetivo de aliviar o desprazer ou de buscar prazer. O interesse desta análise política sobre as compulsões passa pela cartografia de novas tecnologias de poder desenvolvidas para governar a vida em seus menores detalhes que vão da mesa à cama, do trabalho aos momentos de lazer, da doença à produção de um corpo perfeito e saudável. Os saberes sobre as compulsões concernem a dispositivos que visam administrar coisas e homens, relacionando quantidades de ações e desejos a padrões pré-definidos de qualidade de vida, exigindo do indivíduo uma racionalidade baseada no autocontrole e no cálculo de estimativas de riscos para as diversificadas situações a que são submetidos no cotidiano das sociedades neoliberais.

### **A biologização dos comportamentos excessivos**

A emergência dos saberes sobre as compulsões é tributária do apogeu da psiquiatria biológica que, utilizando-se de conteúdos das neurociências e dos modernos psicofármacos, construirá uma gramática biológica para os transtornos mentais que até então dispunham apenas de fundamentos psicológicos e psicanalíticos para sua compreensão.

A *biologização* das compulsões tem como marco a chegada nos Estados Unidos daquele que é considerado o mais potente antidepressivo já sintetizado, a clomipramina. Lançada em 1990 no mercado estadunidense pela farmacêutica suíça Ciba-Geigy (atual Novartis) com o nome de Anafranil, a clomipramina foi desenvolvida em 1958. Ela é um antidepressivo tricíclico que atua de forma mais destacada na regulação do neurotransmissor serotonina. A clomipramina foi primeiramente liberada para o consumo, em 1975, no Reino Unido, para depressão, estados fóbico e obsessivos, mas sem obter a notoriedade em vendas que teria 15 anos depois no outro lado do Atlântico.

No livro *The Antidepressant Era*, o psiquiatra e historiador David Healy recupera a história da clomipramina e descreve como sua ligação com o TOC, na época chamado

de Neurose Obsessiva-compulsiva, foi estabelecida mais por estratégias de marketing do que por pesquisas psiquiátricas. Healy conta que o ex-diretor da Ciba-Geigy do Reino Unido, George Beaumont, ficou encarregado de preparar a documentação necessária para a aprovação da nova droga pelas autoridades daquele país. Testes com o composto em clínicas européias mostraram que a clomipramina era utilizada na forma intravenosa apenas em casos de “pacientes resistentes a outras formas de tratamento” de severos estados ansiosos.<sup>8</sup>

Regulamentado o novo medicamento, a farmacêutica teve de decidir como “vender” a droga. A clomipramina poderia ser associada ao “mercado” da fobia neurótica, bem maior que o da neurose obsessivo-compulsiva, apesar dos estudos clínicos apontarem que os tricíclicos não eram tão eficazes em relação a estes transtornos. No entanto, o tratamento das fobias já estava dominado pelos antidepressivos inibidores da monoaminoxidase (IMAOs). A solução encontrada foi associar o remédio às neuroses obsessivo-compulsivas, mesmo que sobre elas havia o consenso de serem de difícil tratamento e, pior, de incidência rara na população.<sup>9</sup>

As contínuas, porém inexpressivas, vendas da clomipramina na Europa podem ser explicadas pelo fato da Neurose Obsessiva-compulsiva ser considerada, naquela época, uma doença rara e tratável somente com terapias comportamentais. Por se tratar de uma neurose, ou seja, uma condição psicopatológica sem uma causa orgânica identificável, acreditava-se que um remédio jamais poderia ser eficaz para a melhora dos pacientes.

Beaumont considera que, em relação à clomipramina, os estadunidenses souberam “reinventar a roda”.<sup>10</sup> Isto porque quando a droga foi liberada para consumo naquele país, em 1990, logo se transformou em um sucesso comercial, responsável pela incrível popularização do TOC em todo o mundo. De transtorno mental “raro”, como informa o DSM III, de 1980, no DSM III R, de 1987, o TOC é considerado um transtorno “relativamente comum”, para no DSM IV, de 1994, ter uma prevalência durante a vida de 2,5% (o que representa 7 milhões de pessoas nos Estados Unidos) e ser o quarto transtorno psiquiátrico mais comum na população. Atualmente, a OMS considera o TOC a 10ª maior causa de incapacitação no mundo.

Neste percurso da clomipramina da Europa para a América do Norte é importante ressaltar dois deslocamentos responsáveis pela mudança na forma como as sociedades ocidentais vão tratar as questões relativas às doenças mentais e estão na base da emergência das compulsões como um problema de saúde pública que ameaça a qualidade de vida das populações.

O primeiro deles, como fica explícito em relação ao TOC, é que houve uma biologização dos estados neuróticos. Se antes o TOC não possuía um estatuto orgânico-biológico para sua compreensão, com os aportes importados das neurociências e da farmacologia, ele foi traduzido para uma gramática biológica que irá relacionar estados mentais não mais apenas com hipóteses psicológicas, histórico de traumas e vivências da infância, mas com quantidades disponíveis de neurotransmissores, sobretudo de serotonina, em certas regiões cerebrais e o funcionamento anômalo do circuito que envolve os gânglios da base, o tálamo e o córtex frontal.<sup>11</sup> A *biologização* do TOC contou ainda com os avanços técnicos obtidos com a introdução de tecnologias computo-informacionais que permitiram a visualização do cérebro vivo em telas (neuroimagens), o desenvolvimento de escalas para medir os diferentes graus de manifestação dos sintomas e, por fim, a execução de grandes estudos epidemiológicos, como o Epidemiologic Catchment Area, realizado em 1988, nos Estados Unidos.

Um segundo importante deslocamento ocorreu em relação aos profissionais responsáveis pelo tratamento de pacientes com TOC e as demais compulsões. Este campo deixou de ser exclusivo de psicólogos e psicanalistas para ser prioritariamente explorado por psiquiatras e pela indústria farmacêutica que oferecerá dezenas de outros compostos químicos (antidepressivos) que atuam exclusivamente sobre a regulação da serotonina, os inibidores seletivos da recaptção de serotonina (ISRSs), dos quais o mais famoso é o Prozac.

Com a *biologização* do TOC abriu-se uma porta para que esta nova gramática reescrevesse o entendimento de outras compulsões. Principalmente os estudos com a utilização de antidepressivos ISRSs permitiram avanços na compreensão biológica de outros transtornos que, assim como o TOC, têm como principais sintomas a presença de comportamentos repetitivos, excessivos e descontrolados. Antidepressivos serão

aplicados no tratamento dos Transtornos do Controle de Impulsos, como as compras compulsivas, sexo compulsivo, jogo patológico, tricotilomania e cleptomania.

Em 1993, o psiquiatra estadunidense Eric Hollander fundamentará, em grande parte com ensaios baseados em tratamentos com ISRSs, hipóteses que desde o final dos anos 1980 relacionavam o TOC com outros transtornos sob o ponto de vista da semelhança sintomatológica de condutas marcadas pelo excesso<sup>12</sup>. Desta forma, postulou a existência de um Espectro dos Transtornos Obsessivo-compulsivos, que inclui, além dos transtornos já mencionados acima, a hipocondria, o transtorno dismórfico corporal, a anorexia, o transtorno de despersonalização, a Síndrome de Tourette e os transtornos de personalidade anti-social. Em outra publicação, de 1995, Hollander destacará nesta dimensão de transtornos a polaridade compulsividade/impulsividade, apontando que as condutas excessivas relacionadas a estes transtornos variam segundo graus de aversão e predisposição a riscos, assim como quanto à disponibilidade de serotonina nas sinapses e a atividade do lobo frontal. Estava concluída assim a hipótese teórica que permitiu estender a *biologização* do TOC para as outras compulsões, identificando modalidades de condutas excessivas (de aversão ou predisposição a riscos) com marcadores biológicos (neurotransmissores e atividade cerebral).<sup>13</sup>

### **Neoliberalismo e governo de condutas**

Os saberes psiquiátricos sobre as compulsões, ancorados em práticas que vão desde a prescrição de psicotrópicos, terapias cognitivo-comportamentais, grupos de autoajuda, às “cirurgias sem sangue” como a capsulotomia anterior, apontam para tecnologias de governo da conduta dos homens que fogem daquelas características das sociedades disciplinares.

No lugar de estarem reclusos a manicômios contra a sua vontade, como ocorria com os doentes mentais até meados do século XX, os compulsivos vivem a céu aberto, andam pelas ruas, sendo reiteradamente convocados a aderirem a tratamentos que ocupam suas vidas e a exercerem autocontrole sobre suas condutas consideradas excessivas. Mesmo

os não diagnosticados como compulsivos não estão imunes a estes saberes. Também são estimulados a se autodiagnosticarem, por meio de sites na Internet, programas de televisão, filmes exibidos no cinema, testes publicados em revistas e jornais, conversas com outras pessoas, e a exercerem vigilância contínua sobre suas condutas e desejos para que não se deixem levar pelo descontrole das obsessões, impulsos e dependências. Estas convocações e estímulos atendem a uma espécie de “nova moral” que se apresentada como biocientífica. Ao mesmo tempo que provoca simpatia e adesão às diferentes formas de controle (sobretudo o autocontrole), esta moral biocientífica reforça práticas de comedimento e moderação. Trata-se de uma ascese que não visa recompensas espirituais, mas ganhos em saúde mental e qualidade de vida, duas tecnologias de poder que se afirmam como decisivas para o governo das condutas dos homens nas sociedades de controle.

Ao contrário do poder disciplinar que discriminava o normal do anormal, em processos de normatização<sup>14</sup>, estas novas tecnologias de poder procedem sucessivas normalizações do normal, procurando aproximar as diferentes distribuições de normalidade a um limite previsível e aceitável, impresso na idéia de “normal”. No caso dos compulsivos, a normalização do normal funciona através do incessante estímulo para que o indivíduo tenha controle sobre suas condutas consideradas excessivas, fazendo com que elas se tornem cada vez mais moderadas. Gastos, apenas dentro do orçamento. Acumular, apenas o necessário. Sexo, sem descontrole na quantidade de vezes e de parceiros. Jogo, apenas para recreação. Medo, somente o que pode ser controlado. Trabalho, sem ameaçar as relações familiares e amizades. Drogas, apenas as legais, prescritas e controladas.

Os antidepressivos agem decisivamente para a normalização do normal, servem para “domar” quimicamente a angústia, a ansiedade, o impulso, o desejo incontrolável que estes pacientes relatam sentir. Auxiliados pelos tratamentos (grupos de autoajuda, terapias cognitivo-comportamentais, psicocirurgias), os compulsivos devem desenvolver uma racionalidade do autocontrole, fundada no interminável cálculo de riscos para as situações vivenciadas cotidianamente. Desta forma, a própria vida, em seus mínimos detalhes, torna-se uma terapia contínua e ilimitada.

A emergência dos saberes psiquiátricos sobre as compulsões ocorreu simultaneamente à expansão da governamentalidade<sup>15</sup> neoliberal que, como observa Michel Foucault, teve como efeito a generalização do modelo do *homo oeconomicus* (o empreendedor de si mesmo, o sujeito-empresa) do campo econômico para o social. No neoliberalismo todos os indivíduos são transformados em sujeitos-empresa e inscritos na lógica da concorrência. Assim, devem aprimorar suas qualidades inatas ou adquiridas para maximizar suas potencialidades de gerar rendas com o capital humano que dispõem. Se no plano macro o neoliberalismo procurou colocar autolimitações internas à razão de Estado para eliminar qualquer excesso de governo, no plano individual esta nova governamentalidade terá como efeito a instauração de uma racionalidade do autocontrole, regulada por mecanismos de governo de condutas para que o excesso dos impulsos, da razão (obsessão) e dos desejos (dependências) seja administrado.

Na teoria do capital humano de Gary Becker, “o mais radical dos neoliberais estadunidenses”, comportamentos e condutas são tomados como elementos fundamentais para a análise econômica dos indivíduos. Becker chama de *conduta racional* todo comportamento que vise “otimizar a alocação ótima de recursos raros a fins alternativos”, sendo esta conduta sensível a modificações de variáveis dadas pelo meio, às quais responde sistematicamente. A mesma relação entre variáveis do meio e condutas está na base da teoria comportamental desenvolvida pelo psicólogo estadunidense Burrhus Frederic Skinner, criador do Behaviorismo Radical, para quem o controle de fatores ambientais está na base de uma nova tecnologia para a produção de indivíduos e de uma sociedade perfeita, como idealizou em *Walden II: Uma sociedade do futuro*.

Não é por acaso que a Psicologia Comportamental viria a se tornar nos anos 1990 uma aliada inseparável da psiquiatria biológica, como se verifica nos tratamentos para as compulsões. Ambas atenderão às exigências colocadas pela governamentalidade neoliberal para as quais o indivíduo deve administrar suas condutas com vistas a conquistar ganhos em saúde mental e qualidade de vida. Por meio dos saberes psiquiátricos sobre as compulsões, observa-se que o atual estágio do capitalismo não requer a formação de subjetividades que sejam apenas avessas a riscos (como os colecionadores patológicos e os maníacos por limpeza) ou então apenas predisposta a eles (como os jogadores patológicos ou os pródigos em compras). O neoliberalismo

exige dos indivíduos o reconhecimento dos sinais ambientais emitidos pelos contextos em que estão imersos. Eles são indispensáveis para o cálculo de riscos e para a elaboração das “melhores” condutas a serem desempenhadas. Tal como faz uma empresa, o indivíduo precisa de análises de conjuntura para determinar sua ação.

A racionalidade neoliberal ainda joga para o indivíduo a responsabilidade de administrar o “mundo de liberdades” que ela cria e as limitações, coerções e controles que cada nova “liberdade” instaura.<sup>16</sup> Não é somente Foucault quem chama a atenção para o fato de o neoliberalismo funcionar apenas se existir uma pletera de liberdades que devem ser consumidas. Deleuze também se refere às sociedades de controle como aquelas que são profícuas em criar sentimentos de “liberdade e infinitude”, ao mesmo tempo em que fazem multiplicar os mecanismos de controle, os quais podem rivalizar com “os mais duros confinamentos”.<sup>17 18</sup>

Os compulsivos, portanto, emergem nas sociedades de controle, entre outros aspectos, desta imanente relação que se estabelece entre a produção de liberdades e aquilo que pode consumi-las ou destruí-las. Em todas as chamadas compulsões está presente o jogo liberdade X limitações/controles que caracteriza o neoliberalismo sob a perspectiva de Foucault.

Desde as últimas décadas do século XX, as sociedades capitalistas foram inundadas por “liberdades” e pela disponibilidade de coisas. Quanto maior a “liberdade” ou a disponibilizade de algo, mais surgem dietas, regimes, profilaxias, conselhos, recomendações, ou seja, protocolos de conduta e comportamento que visam administrar a relação de humanos e coisas, humanos e humanos. A liberdade sexual e a compulsão sexual; os “paraísos” de jogos de azar e os jogadores patológicos; a liberdade de esculpir corpos por meio de exercícios físicos e a vigorexia; as mutações dos vírus e bactérias e a hipocondria; as novidades da indústria alimentícia e a anorexia ou a compulsão alimentar; a generalização do acesso ao mundo virtual e a dependência de Internet. É sob esta perspectiva que as compulsões são mais do que transtornos dos “comportamentos e condutas excessivas”. Elas também podem ser analisadas enquanto “patologias” da liberdade e da disponibilidade, “doenças” do neoliberalismo, “disfunções” da proliferação de dietas e regimes em sociedades que reclamam cada vez mais novas modalidades de governos das condutas dos homens.

- 
- <sup>1</sup> Este artigo apresenta alguns resultados da pesquisa de mestrado *O (In)divíduo Compulsivo: uma genealogia na fronteira entre a disciplina e o controle*, defendida pelo autor em outubro de 2009. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais: Política, PEPG/PUC-SP.
- <sup>2</sup> A “década do Cérebro” foi instituída em primeiro de janeiro de 1990 por um ato do presidente George Bush, atendendo à Resolução 174 do Congresso, a fim de reforçar a necessidade de investimentos financeiros públicos e privados em pesquisas científicas sobre transtornos mentais nos Estados Unidos.
- <sup>3</sup> A maioria das compulsões apresentada nesta tabela ainda não faz parte dos manuais psiquiátricos de classificação e diagnóstico, exceto a por alimentos, por jogo e sexo (esta última apenas na CID-10).
- <sup>4</sup> Desde 2002 diversos encontros com a presença de psiquiatras membros da Associação Americana de Psiquiatria e convidados de todo o mundo preparam a nova edição do DSM que deverá inclusive substituir o capítulo sobre os transtornos mentais na próxima edição da Classificação Internacional das Doenças (CID), elaborada pela Organização Mundial da Saúde. A quinta edição do DSM está prevista para ser lançada em 2013.
- <sup>5</sup> Como ocorreu, por exemplo, com o comportamento excessivo em relação ao sexo que na literatura psi foi chamado de compulsão sexual, dependência por sexo e de sexo impulsivo, mas também no caso do jogo, das compras, da Internet, do trabalho.
- <sup>6</sup> Os chamados Transtornos do Controle de Impulsos (TCI), uma categoria residual de transtornos que aparece pela primeira vez no DSM III, de 1980, reúne antigas e raras psicopatologias como a cleptomania (impulso a roubar) e a piromania (comportamento incendiário) e o novato jogo patológico, o mais estudado dos TCI, também incluído pela primeira na nosologia psiquiátrica com o DSM III.
- <sup>7</sup> Associação Americana de Psiquiatria. *Manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: (DSM)*. 4. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2000, p.623.
- <sup>8</sup> Healy, David. *The antidepressant era*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- <sup>9</sup> Idem.
- <sup>10</sup> Beaumont, George; Healy, David. “The place of clomipramine in the development of psychopharmacology”, in *Journal of Psychopharmacology*, v. 7, n. 4, p. 378-388, 1993.
- <sup>11</sup> Além dos testes com psicofármacos em humanos, contribuíram para a construção desta gramática biológica estudos de drogas com animais e pesquisa genéticas sobre a incidência do transtorno em grupos familiares e testes de incidência do TOC em pacientes com outros transtornos neurológicos (Síndrome de Tourette e Coreia de Syhenham).
- <sup>12</sup> Hollander, Eric. *Obsessive-compulsive related disorders*. Washington: American Psychiatric Press, 1993.
- <sup>13</sup> Hollander, Eric; Wong, Cheryl. “Obsessive-compulsive spectrum disorders”, in *The Journal of Clinical Psychiatry*, v. 56, 1995. Suppl. 4, p. 3-6.
- <sup>14</sup> Foucault, Michel. *Segurança, território e população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. Tradução E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- <sup>15</sup> Para Michel Foucault a governamentalidade se caracteriza por, assim como o poder pastoral, estar voltada para a gestão dos indivíduos, assim como um pastor cria suas ovelhas, preocupando-se com sua alimentação, seu crescimento, sua saúde, sua reprodução e sua segurança.
- <sup>16</sup> Foucault, Michel. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. Tradução E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 67.
- <sup>17</sup> Deleuze, Gilles. “Post-scriptum sobre as sociedade de controle”, in *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 219-226.
- <sup>18</sup> Deleuze, Gilles. “O ato de criação”, in **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 jun. 1999. Caderno Mais!, p. 4-5.